Jaison Lorenceti

O Astro Menino

COLEÇÃO

Ecos & Contos

EDITORA UNIFEBE



Jaison Lorenceti

O ASTRO MENINO

Brusque, 2026

COLEÇÃO
ECOS & CONTOS
Vol. 5

EDITORA UNIFEBE

Rosemari Glatz
Presidente da FEBE
Reitora da UNIFEBE

Sergio Rubens Fantini
Vice-Presidente da FEBE
Vice-Reitor e Pró-Reitor de
Administração da UNIFEBE

Sidnei Gripa
Pró-Reitor de Graduação

Edinéia Pereira da Silva
Pró-Reitora de
Pós-graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura

Leonardo Ristow
Diretor do Colégio
Universitário UNIFEBE

Produção Editorial

Equipe da Editora UNIFEBE
Arina Blum
Fabiana Boos Vasquez
João Guilherme Cabral Marchi
Maria Alice Mattoso Camargo
Peterson Paulo Vanzuita
Robson Souza dos Santos

Coordenação Editorial
Arina Blum
Rosemari Glatz

Supervisão de Design
Arina Blum

Projeto Gráfico
João Guilherme Cabral Marchi

Colaboração no
Projeto Gráfico e Ilustração
Beatrice Rech
Caio Gabriel Pianezzer

Diagramação
João Guilherme Cabral Marchi

Capa
João Guilherme Cabral Marchi

Revisão de texto
Rosana Paza
Fabiana Boos Vasquez

Conferência de texto
Fabiana Boos Vasquez

Conselho Editorial

Titulares
Arina Blum
Edinéia Pereira da Silva
Carla Zenita do Nascimento
Angela Sikorski Santos
Sidnei Gripa
Rosana Paza
Wallace Nóbrega Lopo
Aline Sturmer
Anna Lúcia Martins Mattoso
Eliane Kormann
Ricardo José Engel

Suplente
Rosemari Glatz
Aline de Souza
Elisiane Mafezolli
Luzia de Miranda Meurer
Fernando Luís Merízio
Rafaela B. Venturelli Knop
Rodrigo Blödorn
Julia Wakiuchi
Josely Cristiane Rosa
Joel Haroldo Baade
Jorge Paulo Krieger Filho

Editora UNIFEBE
Centro Universitário da Fundação
Educacional de Brusque - UNIFEBE
Fundação Educacional de Brusque - FEBE

Rua Vendelino Maffezzolli, 333
Bairro Santa Terezinha
Brusque- SC, Brasil
CEP: 88352-360
Caixa Postal: 1501
Telefone: (47) 3211-7000
Site: www.unifebe.edu.br
E-mail: editora@unifebe.edu.br

Lorenceti, Jaison
O astro menino / Jaison Lorenceti. - Brusque : Ed. UNIFEBE, 2026.
30 p. ; il. color. ; 20.200 kb. - (Ecos & contos ; v. 5)

ISBN 978-65-83344-43-4

1. Contos brasileiros. 2. Metafísica na literatura. I. Título. II. Série.

CDD B869.3

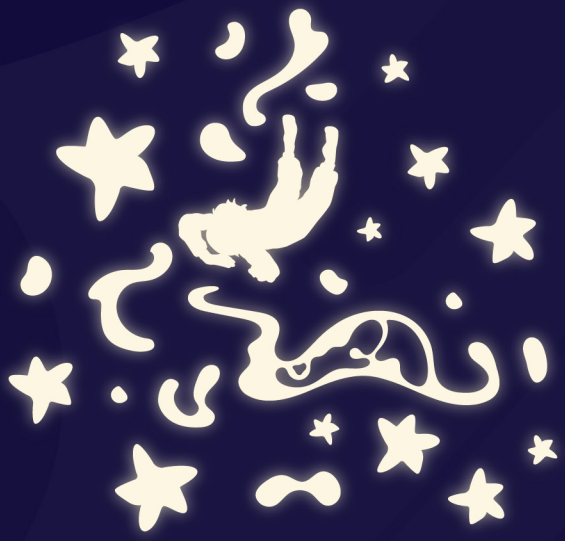
Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2026 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Esta obra não tem fins lucrativos ou econômicos. Sua publicação é destinada exclusivamente a fins educacionais, culturais e de pesquisa.


COLEÇÃO
ECOS & CONTOS



Apresentação

Há um dito lendário, perdido nas dunas do tempo, que fala sobre o nascimento da literatura: antes de chegar às rochas das cavernas – onde as primeiras bibliotecas surgiram –, o escritor leu nos céus a primeira ordem gramatical. Através das estrelas, nuvens, sóis e galáxias, ele contemplou o vazio e, pela leitura das constelações, passou a ler um livro invertido – do mundo real ao imaginário ou vice-versa –, com essa obra ainda a ser escrita na vastidão profunda do universo. Mas, claro, isso é só uma lenda.

Com imenso agradecimento pela oportunidade de publicar o suor destas letras em forma de conto, e com as mãos unidas em gratidão, ao modo de um menino que faz um pedido às estrelas em forma de oração, peço para que dos céus continuem nascendo novas histórias e que ocorra o reencontro com os ilustríssimos leitores.





Ato 1

Miguel pisou na lua pela primeira vez quando ouviu os seus pais brigarem. O imaginário leve do pensamento infantil lhe tirou da gravidade domiciliar, numa noite que procurava levar para o mais longe possível a dor que sentia no lar-terra. A colisão de palavras, os gritos inauditos e pulsantes no seu coração, em efeito catalisador de toda fonte de calor e do frio, alienavam o pequeno astronauta. Pressionava os seus ouvidos a fim de garantir que o capacete antirruído não caísse da pequena consciência.



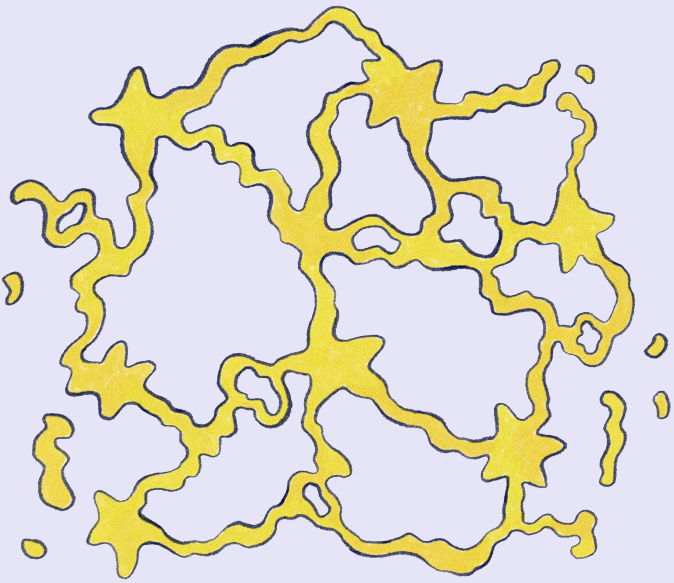
Era grave o seu caso. Miguel tinha neurônios foguetes, capazes de lhe mandar para mundos distantes. Velozes eram os pensamentos, sinapses combustíveis – inflamadas pelo mais sutil movimento das artérias. A mente de Miguel era um campo de descolagens espaciais de muitos sonhos, seres imaginados, criaturas fantásticas.

Somente um sonho não parecia possível, e a batalha das vozes derrubava a mente espacial.

Naquela noite, os estrondos dos desentendimentos dos pais levaram Miguel para flutuar na lua, mas ele se perdeu na galáxia. Ao longo das primeiras missões, aprendeu a brincar no terreno espacial. A sua brincadeira favorita era jogar pó lunar em direção à terra, até a sua casa - pensava ele. O movimento lento da gravidade deixava amostras lunares de que, na verdade, Miguel estava irritado. Os traços eram ferozes, de uma fera em provocação - até mesmo com o Criador. Atirava pedras que gravitaram no seu espectro.



Cobrindo a sua cabeça com o cobertor de estrelas, o tenro ouvido de Miguel escutara por trás da porta que a desavença tinha a sua doença como centro da discussão. Era tarde da noite e o menino se preparava para dormir depois de um dia cansativo da terapia. As constantes idas às sessões de motricidade para ajustar a sua coordenação deixavam o garoto exausto. Os pais, desde o nascimento, iniciaram a saga de buscar por diagnósticos médicos.



O problema recaía no mundo mental, pois o diagnóstico era um só: ele era diferente dos demais. Naquele dia, os pais receberam o laudo neurológico. Enquanto discutiam, Miguel correu para a sua cama com o pijama de astronauta e lembrou do conselho da avó Marta.

Ela ensinou-lhe um dia dizendo.



Quando você sentir medo, feche bem os seus olhos e imagine um lugar onde gostaria de estar.

A vida passou de constelação em constelação, Miguel amadureceu entre as fases da lua. A lua que desenhou tantas vezes, de inúmeras formas, pendurada no céu do seu quarto e até mesmo no chão, estava sob os seus pés, repentinamente. Um súbito acontecimento levou-o a uma viagem sem qualquer aviso.

Soltava-se o pó lunar em fragmentos, havia um vento impetuoso que dominava o seu corpo. Ficou com medo, mas lembrou do conselho da avó.



Na minha lua não tinha essa tempestade, o que está acontecendo? – dizia a si mesmo.

A gravidade tinha peso de chumbo jogado no mar para segurar a rede de pesca. Flutuava e, ao mesmo tempo, era empurrado para baixo, onde não havia chão, só serragem cósmica. Abriu os braços para alcançar a órbita da terra e retornar, mas ela sempre esteve distante quando os seus medos atacavam.

O que está acontecendo comigo? – perguntou-se Miguel.

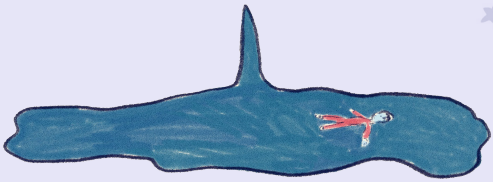


Não ouvia vozes, não sentia o cheiro de queijo da lua, nem do aroma de pomar do universo. Estava absorto numa atmosfera em que não havia sentidos, apenas profusão de memórias, sugadas na espiral do tempo.

Sentia-se num lago astronômico em vibração, derramado por uma jarra que pingava vertiginosamente os seus 33 anos de vida. Parecia que anos e milhares de anos, horas e minutos de horas estavam travados entre ponteiros de um relógio velho.

Tudo era de um espectro em terceira dimensão. A sua cabeça, seus braços, pernas, olhos, nada se mexia, mas pareciam se alargar aos confins, entre os corpos ondulares gravitacionais em rotação.

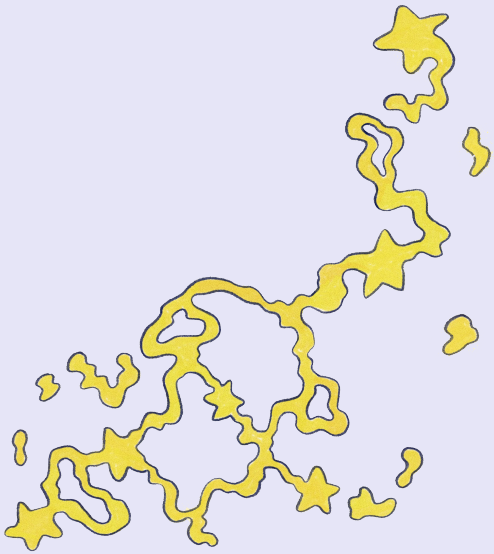






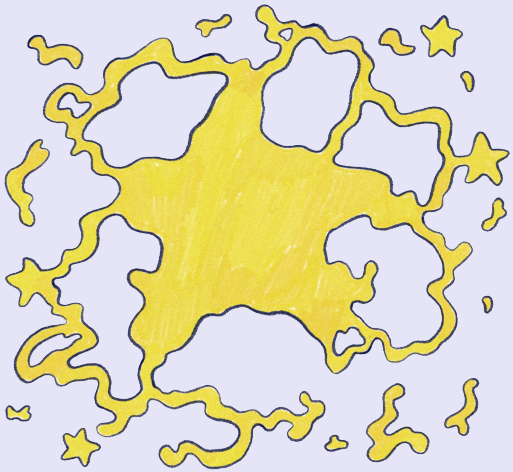
As estrelas apareceram em redemoinhos. O brilho delas era disforme, em nada parecidas com as desenhadas no teto de madeira da sua casa, felpas materiais da sua memória intactas no tempo. A luz tinha matéria, era palpável como algodão-doce.

O espaço de Miguel plastificou-se, via-se pelo outro lado do plasma da vida. Começou a chover no seu universo, eram lágrimas que se permeavam no contraste liso do plástico, vendo a sua caminhada de mais de três décadas.



A sua lua foi enchendo-se de água, a memória apagava na medida que o nível da lagoa submergia o seu corpo plastificado. Mesmo assim, não havia nenhum sinal de afogamento.

A lua, o êxodo de todas as suas lembranças, expandiu-se em gases até não se caber mais em sentidos, em instantes de evaporação, encolheu-se mais rápido que a velocidade da luz numa volumosa escuridão, minimamente pulsante.



Miguel dormiu.

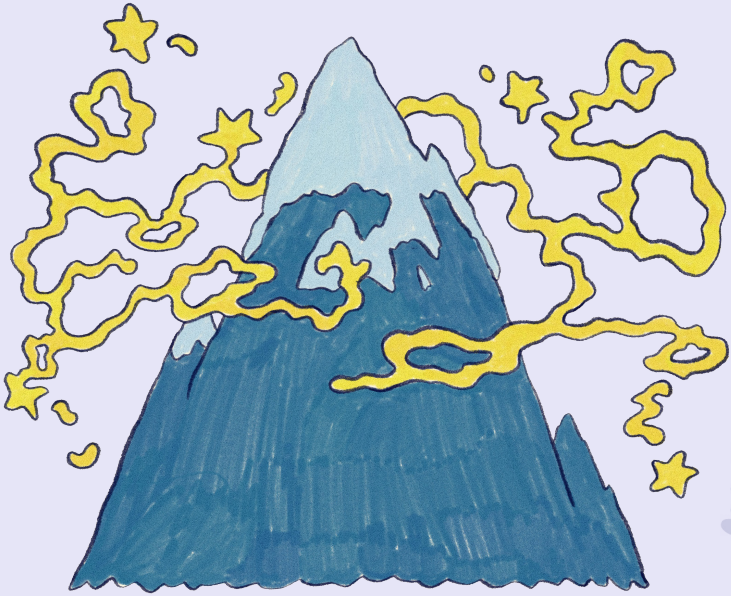
No plasma universo, o pequeno astronauta vagou no quântico, como bolhas que se abraçam com o todo.



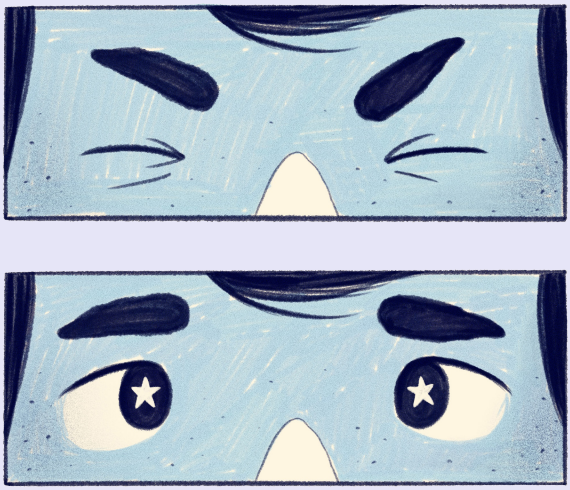


Ato 2

Frio, congelante, de pedras de gelo estremeciam. Não havia vento, paisagens, a não ser nuvens que corriam rapidíssimas de um lado para o outro, muito ao fundo do pé da montanha nevada. Choques, rajadas de sangue, hemorragia de gelos brancos e vermelhos em simbiose alucinante. Metais e dedos fundiam-se, só havia barulho de cosmos que se chocavam, nenhum comando de voz humano, nenhum sinal de vida.



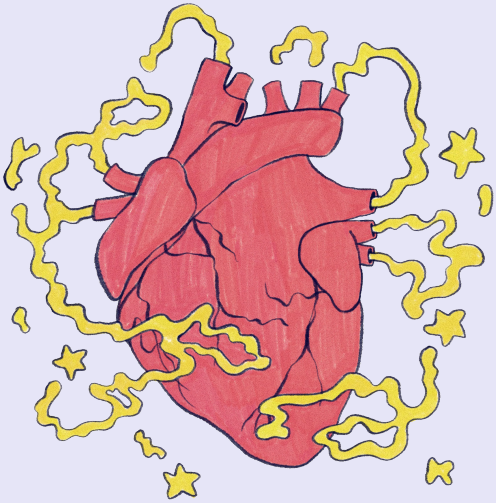
Transfusão de mundos sem encontros ou apresentação. Os olhos abrem-se, após horas de milagres incontáveis. O corpo de menino que um dia foi astronauta colidia em esferas gigantescas, até entrar em consciência-esfera.



Miguel pisa na Terra. Está num corpo estranho, bem mais velho que os seus 33 anos. O seu corpo pulsa forte como um relâmpago, um clarão após o outro. Parecia estado febril, mas não lhe atormentava o corpo.

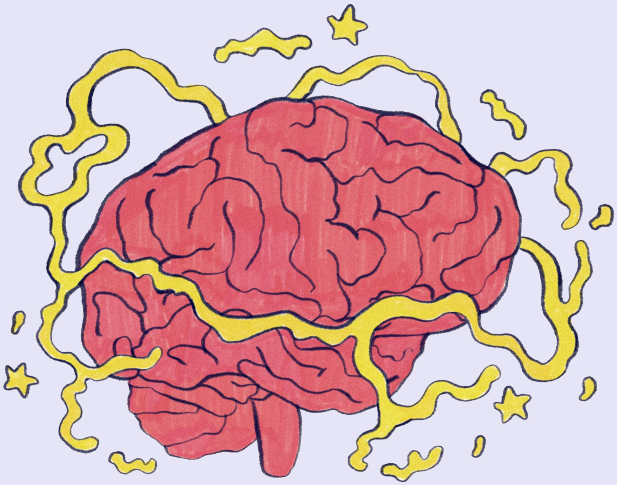
O esqueleto que lhe carregava era de matéria diferente. Tinha impressão de estar em outro mundo e sensação de ter voltado de viagem, amortecido de qualquer lembrança.

Sem entender e vivendo de emoções, Miguel adaptou-se no seu novo planeta. Bombeava freneticamente a nova vida.



Lentamente, as suas cavidades começam a descompassar, o sangue irrigava-se involuntariamente, na medida em que os braços pediam mais circulação. As veias estufaram em todo o corpo, as células riscaram o organismo como estrelas cadentes. O cérebro, uma galáxia indomável de inspirações, era aos poucos dominada pelo oceano de reminiscências de si.

Miguel reconhece o código com o tempo. Havia sofrido um desmaio súbito enquanto pisava no quadro da lua cheia pintada no chão do seu quarto, por ele, quando tinha o hiperfoco lunar. Os seus pais o socorreram – clamando a chave verbal que sempre operou o foguete:

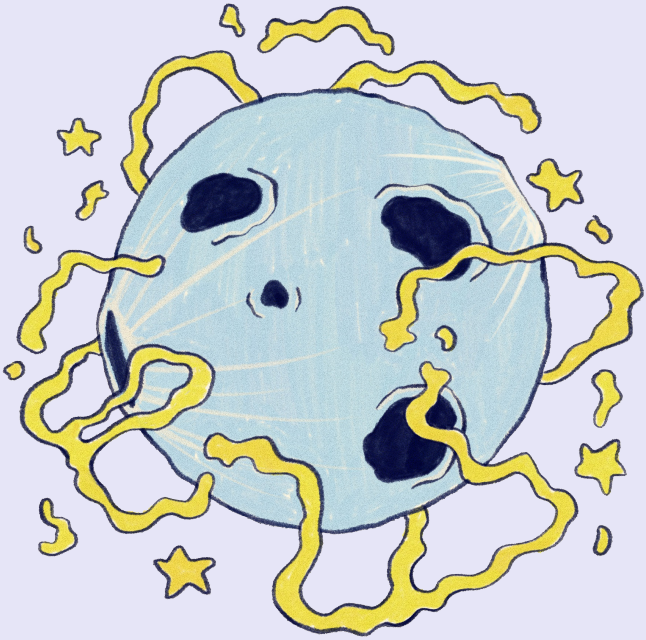


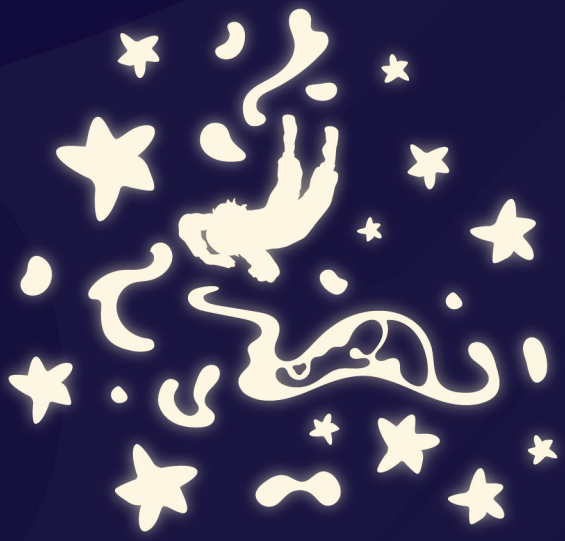
volte astronauta, nós te amamos.

Ao repousar, com sua nave imaginária, Miguel debruçou-se sobre a obra no cavalete de pintura.

Não havia sinal de medo.

Miguel desenhava a lua pulsando, entre ondas que só ele conhecia a frequência.







Jaison Lorenceti é profissional da comunicação e radialista, com 25 anos de atuação no rádio. Ao longo de sua trajetória, construiu uma relação próxima com a informação, a palavra e as histórias que fazem parte do cotidiano das pessoas. Além do trabalho na comunicação, dedica-se à literatura, especialmente à escrita de contos e poesias, espaço onde transforma experiências, sentimentos, observações e inquietações em narrativas. Diante da ampla atividade da rádio difusão e a vida com escrita, permeada com as linhas fundamentais do Jornalismo, como escritor literário, Jaison encontra diferentes formas de comunicar e estabelecer conexões com o público, seja ouvinte ou leitor. Entre a comunicação e a escrita, Jaison busca promover o diálogo, sob a ótica pluralidade social, promovendo a reflexão e valorizando as relações entres os leitores , como o próprio Elo do desenvolvimento humano.

Quando criança, Miguel descobre algo imanente ao ser humano: a capacidade de imaginar mundos. Sob o manto do universo, o menino astronauta encontra significados e refúgios.

Os anos passam, Miguel cresce. As experiências da infância permanecem em sua memória, enquanto a vida lhe apresenta novas formas de perceber a si mesmo e o mundo. Já adulto, um acontecimento inesperado o coloca diante de uma profunda transformação, fazendo-o reencontrar aquele universo que sempre habitou dentro de si.

O Astro Menino é um conto sobre infância, memória, ressignificação e diferentes maneiras de sentir e perceber a existência. Uma narrativa em que a consciência se estende pelas fases da vida, entre as fases da Lua.

ISBN: 978-65-83344-43-4
CBL
9 786583 344434

EDITORA UNIFEBE